

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

UM CASO DE PERSISTÊNCIA SÓCIO-CULTURAL E O QUADRO DA MEMÓRIA: OS CRISTÃOS NOVOS DE BELMONTE. À PROPÓSITO DA MONOGRAFIA DE SAMUEL SCHWARTZ (*).

FERNANDO AUGUSTO ALBUQUERQUE MOURÃO

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

A persistência de um grupo de cristãos-novos na aldeia de Belmonte, na Serra da Estrela, Portugal, e que durante séculos vem mantendo as suas tradições que, ainda segue, às ocultas, como antigamente, ante o receio de perseguições da Inquisição, constituiu-se para nós num enigma.

Este grupo, verdadeira comunidade de cristãos-novos, caracteriza-se pelas barreiras que levanta à integração na comunidade geral da aldeia, cumprindo, em boa parte, o preceito de só procurar par para o casamento dentro da sua própria comunidade. Entretanto, este costume vem sendo abandonado aos poucos depois da implantação da República, em 1910, quando foi instituído o matrimônio civil, deixando em grande maioria os cristãos-novos de ir à igreja a fim de celebrar o matrimônio, o que facilitou o início de uma série de casamentos fora do seu grupo. O casamento entre cristãos-novos é a regra e os noivos obedecem a preceitos de sua própria religião. Só após o casamento religioso, realizado em segredo, mas que hoje é conhecido por todos, — é que realizam o casamento civil.

Estes judeus, que não conhecem a língua hebraica, têm uma relativa consciência “da sua origem judaica” (p. 15); alguns consideram-se como os mais puros representantes da religião que, em certos casos já sofre a influência da igreja católica — cujos rituais praticam

(*). — Schwartz (Samuel), *Dos Cristãos-Novos em Portugal no século XX*. Lisboa. Separata de “Arqueologia e História”. Associação dos Arqueólogos. Volume 10, 110 pp.

desde longa data. Utilizam orações em português arcaico misturado com palavras em hebraico — cujo significado não entendem. Este traço de assimilação é, contudo, muito tênue ante a prática de dizerem no átrio da igreja — quando a freqüentavam —

“uma oração especial para afirmarem a sua fé monoteísta e que não adoram nem o pau nem a pedra senão o Deus de Israel que em tudo governa. Atualmente os cristãos-novos, não freqüentando as igrejas, não baptizando os seus filhos e fazendo o enterro civil, estão convencidos, na sua ignorância da religião hebraica, de terem realizado ato de judeus” (p. 19).

As cerimônias judaicas — bastante deturpadas — essas continuam a praticá-las, mas reservando o mais absoluto segredo, como se ainda vivessem em pleno período da Inquisição, sendo que têm consciência que essas práticas são hoje conhecidas dos cristãos que, com eles, em parte igual, habitam a aldeia e, cujas crianças, principalmente em dias de jejum — dia do *Kipur* — fazem troças na porta da casa dos cristãos-novos. Continuam a celebrar o sábado, o *Kipur* e a Páscoa. Só admitem os de sua fé nas práticas religiosas e souberam ludibriar, durante séculos, a Inquisição e os vizinhos, alterando as datas das festas religiosas, como a Páscoa preparando o

“pão ázimo, só na terceira noite de Páscoa e não comendo pão nenhum durante os dois primeiros dias da festa pascal” (p. 16).

O jejum do *Kipur* ou “Dia Puro” (p. 28), também é celebrado com atraso de um dia, costume que ainda mantêm. A candeia especial, de acordo com o rito judaico, que deve ser acesa às sextas-feira para comemorar a entrada do sábado, é cuidadosamente colocada dentro de um pote de barro, para não ser espiada pelos vizinhos. Assim se mantiveram várias tradições do culto, enquanto que outras se perderam por serem facilmente observáveis pelos cristãos, o que constituía perigo, entre as quais o uso da circuncisão, e da *Chehitá*, ou prática da degolação de animais, abandonada desde o século XVI, mas cujas orações são ainda hoje conservadas e proferidas na ocasião em que se deveria realizar a degola ritual. Outras práticas foram abandonadas por absoluta necessidade, como a da proibição de comer carne de porco — só verificada durante os jejuns — dada a falta de carne na região. A preparação de instrumentos para o culto, como as chamadas “torcidas rezadas” (p. 30), que utilizam nas candeias sabáticas, constitui outro traço da tradição, importante, pois trata-se de uma operação manual, assim como outras que permitiram a transmissão da fé até nossos dias, quando os livros de religião foram queimados. A maioria das orações utilizadas são transmitidas — pelas mulheres velhas — por via oral. Apenas se conhece uma meia duzia

de orações manuscritas e uma pauta musical com um cântico de Páscoa. Tudo o mais desapareceu ante o receio que a Inquisição viesse a apanhar esses documentos escritos, o que seria o suficiente para os condenar. O costume de perdoar as ofensas no dia do *Kipur*, a limpeza da sala onde vão preparar o pão ázimo, a utilização de roupas brancas, sem poder trazer qualquer peça de vestuário de outra cor, envolvendo-se os homens em lençóis brancos, a recitação de preces em que nos aparecem nomes de santos cristãos, tudo isso em segredo — rito — mostram bem a simbiose desta religião. A utilização de nomes de santos prende-se à conhecida cabalística judia, como a oração a São Rafael, evocação cabalística ao anjo Rafael, ou ainda no caso da oração — tradição oral — que diz

“em honra e louvor dos setenta e três nomes do Senhor seja” (p. 27),

que segundo Schwartz, se refere à especulação cabalística de Avenare, das 72 letras

“de que é composto o Nome de Deus” (p. 27), “o que demonstra a antiguidade das tradições ibero-judaicas, postas a correr pela Europa, principalmente, durante o Renascimento pelos astrólogos. Os símbolos que permitem pensar as coisas e ordená-las são signos e poderes” (1).

Deus, segundo a teoria, utiliza os nomes e letras da Bíblia para exercer o seu poder, sendo que os homens podem captar uma parte desse poder.

O desuso de vários ritos e costumes judaicos e o abandono da língua hebraica, substituída pelo português do século XVI, em que ainda são proferidas as orações, são elementos que, conjugados, fizeram nascer uma comunidade autônoma. Crêem que são o centro do mundo da sua religião; mas não conheciam a língua nem a existência de judeus espalhados pelo mundo, nem os seus ritos.

O abandono da língua e da liturgia hebréia determinou um afastamento em relação à cultura judaica em favor da cultura portuguesa do século XVI, pois o fato de as orações ainda hoje serem recitadas em português arcaico dessa época, determinam uma posição mental, que caracteriza os ibero-judeus.

Freud, em carta sobre a sua posição em face ao judaísmo escrevia ao editor da *Judisch Prerszentrale Zurich*:

(1). — MOUSNIER (Roland), Os séculos XVI e XVII. In: *História Geral das Civilizações*, v. 9. 3. ed. São Paulo, Difusão Européia, 1967. p. 40.

“A minha juventude transcorreu numa época em que nossos mestres, liberais em religião, não davam valor que seus alunos adquirissem conhecimentos na língua e da literatura hebraica. Por isso minha cultura ficou muito atrasada neste terreno, defeito que mais tarde muitas vezes lamentei” (2).

A recordação é um fenômeno psíquico, enquanto que a memória seria a faculdade da recordação sensível, a retenção das impressões e das percepções. A memória seria uma experiência “atual” condicionada a uma experiência anterior, que se refere de modo concreto a essa experiência.

A memória psicológica diz respeito principalmente, à reprodução de fenômenos psíquicos conscientes, referidos a acontecimentos do passado, reconhecidos e localizados no espaço e no tempo, diferente da memória mecânica, caracterizada pela repetição mecânica, explicada pela teoria dos reflexos condicionados. Ribot, in *Maladies de la Mémoire* (3), utilizando-se de seus experimentos, afirma que a memória “é uma função geral do sistema nervoso”.

Para Ribot

“a memória é uma função geral do sistema nervoso e tem por base a propriedade que têm os elementos de conservar uma modificação recebida e de formar associações ... A memória psíquica não é mais do que a forma mais alta e mais complexa da memória” (p. 163),

não fazendo, contudo, distinção com a lembrança e memória consciente (espontânea e reflexiva) e a memória inconsciente quer no sentido de escapar à consciência reflexiva, quer no sentido de não ter mesmo consciência do fenômeno. De um aspecto puramente psicológico, é fundamental o fato de que os cristãos-novos utilizam as rezas como elemento de transmissão de uma cultura ibero-judaica, acompanhado de elementos emocionais de alta relevância para a transmissão e evocação; quero me referir ao fato de o sigilo nas rezas e nas práticas, funciona como um verdadeiro ritual que a aproxima do conceito bergsonianos de magia. Utilizam ainda as rezas como meio de atenuar a angústia, criada pelo medo às perseguições; pela necessidade de encontrar o equilíbrio psíquico, tão difícil para quem vive entre dois sistemas, pautando sua vida formal por um — o dos cristãos — e vivendo, digamos, pautando a vida interna por outro que já não era o sistema judeu puro, mas antes ibero-judeu.

(2). — FREUD (S.), *Malestar en la cultura*. Obras Completas, vol. 19. Buenos Aires, Editorial Americana, 1944. P. 299.

(3). — RIBOT (Th.), *Maladies de la mémoire*. Paris, Felix Alcan, 1895, p. 163.

A ciência psicológica mostra também a importância do ritmo como fator de ajuda à memorização, reforçada pelo seu sentido religioso e operativo contra a angústia. As orações ditas em português arcaico,

“misturado aqui e acolá, com palavras hebraicas”,

normalmente recitadas por uma mulher,

“que as recita de cor, em voz alta, ao passo que os assistentes às repetem em voz baixa” (p. 17),

variando um pouco de localidade para localidade, mantendo uma forma e um estilo — quer em prosa, quer em verso —

“muito semelhante às poesias litúrgicas hebraicas chamadas *piutim*” (fls. 15),

o que facilita a sua memorização — constituem-se em um processo de recordação mais facilmente despertado pela forma de poesia e pelo uso da ladainha, acompanhado de uma emoção psíquica.

De entre as orações dos cristãos-novos de Belmonte, uma há que chamou especialmente a atenção. Trata-se da chamada oração da água, oração pascal, e que é obrigatoriamente recitada à beira de um ribeiro, onde para isso se reúne a comunidade cristã-nova.

Dizem as palavras, enquanto batem com raminhos na água,

“em comemoração da passagem dos hebreus através do Mar Vermelho” (p. 35).

Aqui, além de memória verbal acentuadamente lógica, aparece uma forma de memória visual, de formas concretas, até certo ponto — visualização da travessia por reconstituição lógica — em que a associação das palavras determina a recordação das outras. Outro expediente é o recurso de uma dança de roda acompanhada de cântico — o cântico de Moisés, (Exôdo, cap. 5)), — por ocasião da Páscoa.

Segundo Halbwachs (4)

“em todo o ato de memória, há um elemento específico, que é a existência de uma consciência individual capaz de se bastar”.

A memória coletiva, que não se confunde com a memória histórica, que é uma visão exterior do problema,

(4). — HALBWACHS (Maurice), *La mémoire collective*. Paris, PUF, 1950.

“é uma corrente de pensamento, contínua; que nada tem de artificial, porque não retira do passado senão aquilo que pode ser vivido ou sentido pela consciência do grupo” (p. 70).

O autor põe em relevo que a história vê os fenômenos de fora, enquanto que a memória coletiva “aprecia o lado interno dos fenômenos” e delimita o problema, quando afirma que

“cada grupo definido localmente tem a sua própria memória, e uma representação do tempo que lhe é própria. No momento em que cidades, províncias, povos se fundem numa nova unidade, então o tempo comum se alarga e, talvez, se estenda mais longe no passado, ao menos para uma parte do grupo que participa nas tradições mais antigas” (p. 100).

Esta definição local do grupo aplica-se aos cristãos-novos de Belmonte, cuja memória difere como foi dito, da dos outros núcleos de cristãos-novos instalados em aldeias do Norte do País e mesmo vizinhas, onde o fator tempo — comum a todas — é principalmente determinado em função das festas religiosas que determinam uma escala de “acordo com as necessidades da natureza humana”. Em Belmonte podemos ainda encontrar a persistência do “tempo antigo” ao lado do “tempo novo”, quer dentro da comunidade dos cristãos-novos, quer em função da comunidade cristã em geral. Limitamo-nos a enunciar e levantar o problema, mas não entraremos no assunto por falta de dados, que a monografia não fornece.

Em relação ao tempo diz Halbwachs:

“se colocarmos em primeiro plano os grupos e as suas representações, se concebermos o pensamento individual como uma série de pontos de vista sucessivos sobre o pensamento desses grupos, então poderemos compreender que eles possam ir até ao passado e rememorar mais ou menos longe, segundo as perspectivas que lhe oferece cada um dos pontos de vista sobre o passado tal qual é representado nas consciências coletivas nas quais participa” (p. 128).

Na sociedade dos cristãos-novos de Belmonte, somos forçados a pesquisar a “comunidade de crenças”, a “ligação invisível” que se estabelece e liga entre si os cristãos-novos, pois o grupo religioso, a sociedade de crenças, sobrepõe-se “às sociedades locais”, encontrando assim ligações entre o grupo dos cristãos-novos que não se prendem com o local onde habitam, mas que têm origem fora do próprio grupo, sobretudo da tradição judaica, o que por sua vez determina um espaço bidimensional.

Para Bergson

“toda a consciência é memória e acumulação do passado no pensamento”,

distingüindo-se duas memórias, uma que imagina — a imagens — lembranças e outra repetitiva,

“o hábito iluminado pela memória” (5).

Bergson parte do reconhecimento, que admite que possa ser atingido por duas vias,

“uma consistindo na experiência imediata do passado, enquanto passado; outra, na possibilidade de repetição”.

Para Cassirer,

“a recordação do homem não se pode descrever como um simples retorno a um caso anterior, como uma imagem pálida ou cópia de impressões; não é tanto uma repetição quanto uma ressurreição do passado e implica num processo criador e construtivo” (p. 84) (6).

Para Cassirer

“a memória simbólica é o processo pelo qual o homem não só repete a sua experiência passada, mas também a reconstitui” (p. 85).

Segundo Ruy Coelho, os

“impulsos endógenos e prescrições de conduta se fundem e se organizam”, — tendo em vista “os mecanismos de socialização” e “consolidação do ego” (7).

Não dispomos de informações sobre o comportamento das mulheres que, na comunidade cristã-nova de Belmonte têm a seu cargo recitar em voz alta as orações, “as sacerdotizas-hazan”. Este material seria de grande importância para determinar até que ponto é que essas mulheres são um fator de maior ou menor estabilidade, em que medida a sua ansiedade — que teria de ser testada — influi no processo da comunidade. Dois problemas merecem destaque: um refe-

(5). — BERGSON (Henri), *Matière et Mémoire*: essai sur la relation du corps a l'esprit. 50. ed., Paris, PUF, 1949. P. 89.

(6). — CASSIRER (Ernest), *Antropologia filosófica*. México, Fondo de Cultura Economica, 1963.

(7). — COELHO (Ruy Galvão de Andrada), *Estrutura social e dinâmica psicológica*. São Paulo, Pioneira-EDUSP, 1969. P. 214.

re-se ao papel da “sacerdotiza”, que sendo a pessoa que guarda de memória as orações é um elemento que se opõe a qualquer possível reação por parte do grupo, o que seria difícil em função da estrutura grupal e da família e do sistema de sanções para os que se afastam das regras que os regem, principalmente em matéria religiosa. Outro seria o da alteração das próprias orações com o tempo, — são ditas em português do século XVI, — alterações em sentido interpretativo, que podem levar a oração a se limitar ao sentido formal, sem que o pouco de objectivo — essencial — que resta seja suficiente para se impor e poder ter relevância no esquema bergsoniano de memória-consciência. Haveria aqui uma deformação que certamente levaria os membros da comunidade a cair na mais profunda angústia. O papel da religião, quer como fator de segurança no futuro, quer como mecanismo de controle, quer como meio de

“converter a obediência passiva em sentimento religioso ativo” (Cassirer),

quer ainda como fator ou não de recriação e de transmissão de cultura e, portanto, com relevante papel junto ao ego, teria de ser conjugado com o papel da “sacerdotiza” — termo utilizado por Schwartz.